A EDUCAÇÃO PARA PAZ NAS ENTRELINHAS DO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE PAULO FREIRE

Nei Alberto Salles Filho

Educação para Paz e formação de professores

As questões relacionadas à Cultura de Paz, com todos os seus desdobramentos em Educação para a Paz, Educação em Valores, Prevenção de Violências, Mediação de Conflitos, Pedagogia da Convivência, entre tantas outras denominações alcançam, nestes últimos anos, um lugar fundamental na reaproximação entre vida, ser humano e educação escolar. O cotidiano das escolas cada dia mais complexo, plural e diverso faz com que as questões relacionadas aos conteúdos/saberes escolares sejam repensadas rapidamente e em outros pressupostos, mais ligados às convivências escolares (relações interpessoais, indisciplina, violências etc). Além disso, a reflexão, análise e produção de conhecimento sistematizado sobre a Educação para a Paz demonstra a preocupação e o cuidado com a difusão qualificada e pedagógica dessa abordagem no cotidiano educacional.

A partir destas questões desenvolvemos, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/Paraná) desde o início de 2008, o projeto de extensão denominado "Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivência" (NEP/UEPG). O Núcleo de Educação para a Paz (NEP) é um desdobramento do projeto de pesquisa "Configurando elementos teóricos e práticos da Educação para a Paz", desenvolvido entre os anos de 2004 e 2006, que iniciou a sistematização das questões relativas à Educação para a Paz em seus aspectos conceituais e metodológicos. Na medida em que se aprofundaram os estudos houve a percepção da necessidade que este conhecimento estivesse à disposição dos professores da Educação Básica, como possibilidade de repensar a si mesmo e suas práticas profissionais.

A maneira mais adequada para essa finalidade foi investir na formação continuada, momento onde os professores já possuem experiências e histórias referentes às questões citadas e conseguem perceber melhor suas ações e atitudes na escola. Porém, para assegurar tal perspectiva, pensamos na formação de professores observando o pressuposto:

> Se a formação continuada de professores em EP vai discutir sobre violências e conflitos, abordar relações humanas e discutir o papel social da educação, não pode estar desconectada da vida do professor como cidadão, pai, mãe, família, vizinho, amigo. Portanto, trata-se de buscar o currículo oculto na formação do

> professor, que é sua própria vida e suas percepções sobre a paz. No limite, podemos dizer que a percepção do professor sobre as violências e conflitos domésticos, sociais e relacionais é o aspecto basilar sobre sua forma de olhar as violências em sua prática docente (SALLES FILHO, 2008, p. 114).

Ao repensar a ótica normativa da formação continuada como momento de reciclar e receber novos conhecimentos buscamos, na história dos professores, suas experiências e perspectivas em relação à paz, conflitos e violências. Na constituição e desenvolvimento do NEP, está claro que a mudança significativa na formação de professores é ampliar os modelos até então considerados comuns para esta formação. Nesse caminho, a abertura da "caixa-preta", ou seja, com os professores falando mais sobre angústias e alegrias como ser humano/educador, encontramos a transcendência necessária para evitar armadilhas baseadas unicamente em aspectos teóricos/conceituais sobre paz e violências, mesmo considerando-os fundamentais para o trabalho.

Assim, transitando por inúmeras possibilidades conceituais orientadas pelas idéias da complexidade e diversidade necessárias aos argumentos sobre Cultura de Paz na educação, encontramos e definimos o pensamento de Paulo Freire como uma das bases para o NEP, por avaliar que toda a história de vida do educador esteve voltada para a idéia de um mundo melhor, dito de outra forma, um mundo de paz. Isso é expresso por Ana Maria Freire da seguinte maneira:

> Não foi por acaso nem por motivos outros, que Paulo foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz, em 1993. Foi por esta sua postura de coerência impregnada de generosidade, mansidão e respeito diante das diferenças étnicas, religiosas, políticas; por sua tolerância autêntica diante das diversidades de posturas e leituras de mundo culturais dos homens e mulheres no mundo; por seu comportamento de cuidado ético com as vidas; por sua luta incessante pela Paz através da sua compreensão de educação para a autonomia e libertação (2006, p.388).

Antes dessa indicação ao Prêmio Nobel da Paz, Freire recebeu em 1988 o "Prêmio Unesco da Educação para a Paz", afirmando em discurso na ocasião: "A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social" (FREIRE *apud* FREIRE, 2006, p.388). Na busca das melhores e mais adequadas interfaces entre Paulo Freire e Educação para a Paz, apresentamos reflexões baseada num trabalho de Moacir Gadotti (2003) acerca do pensamento freireano. Nesse estudo, Gadotti discute possíveis teses sobre o pensamento educacional de Paulo Freire, provocando para a necessidade de

aprofundamento e ao mesmo tempo deixando possibilidades abertas de reflexão, assim como propôs sempre o próprio Freire.

Optamos, por examinar algumas das teses freireanas propostas por Gadotti, particularmente ligadas ao chamado "método" de Paulo Freire e, na sequência, suas teses sobre utopia. Acreditamos que esta aproximação mais atenta faz com que a Educação para a Paz seja percebida com maior clareza nas escolas e na formação de professores.

Teses sobre o "método" freireano e as relações com a Educação para a Paz

Inicialmente o texto de Gadotti elenca o que chama de "os quatro passos do "Método" de Paulo Freire", ou seja, quais os pressupostos centrais surgidos ao analisar vida e obra do educador, mais particularmente em função do pressupostos relacionados à dimensão metodológica, como critérios básicos para orientar a intervenção pedagógica.

> **1º — Ler o mundo**. Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a leitura do mundo. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como precondição do conhecimento (interesse, para Habermas). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. (GADOTTI, 2003, p.111)

Na formação de professores podemos compreender a importância de fazer a leitura de mundo por meio de possibilidades compreensivas com os seres humanos. A curiosidade é condição essencial nesse processo. Podemos dizer, nesse sentido, que a Educação para a Paz pode aparecer como esta alternativa de curiosidade, no conceito ampliado da paz entendida como um processo criativo e ativo de resolução não-violenta dos conflitos e valorização das convivências pacíficas.

Na perspectiva do método podemos apontar para a importância dos temas geradores voltados aos valores humanos, injustiça social, direitos humanos, relações interpessoais, corporeidade, resiliência entre outros que compõe a dimensão ampliada de uma Cultura de Paz. Portanto, trata-se de contribuir, na formação de professores, com olhares próximos a diversos temas ainda pouco discutidos nos cursos de licenciatura, que ficam em segundo plano em relação aos conteúdos da área de formação.

Para a leitura de um mundo melhor e possível, menos violento, menos desigual, mais justo, honesto, crítico, dialogado, com o explicitar de temas-problemas

fundamentais de ser percebidos nos dias atuais e na educação escolar, é preciso observar esta tese fundamental de Paulo Freire. No aprofundamento desta análise e pela necessidade humana da vida coletiva, Gadotti apresenta a segunda tese:

> **2º — Compartilhar a leitura do mundo lido.** Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. O **diálogo** não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O diálogo com o outro não exclui o conflito. (GADOTTI, 2003, p.111)

A dialogicidade é seguramente uma das dimensões fundamentais da Educação para a Paz, se entendermos os conflitos como inerentes ao ser humano. É preciso, perceber que a maneira pela qual os conflitos são tratados, mediados ou resolvidos, determinam as possibilidades de paz ou de violências. Nesse sentido temos duas perspectivas importantes. Inicialmente, o processo dialógico como formação profissional, pensando nas práticas pedagógicas, na postura de educador e na função social e humana da educação. A segunda perspectiva, mais profunda e necessária, é de aproximar as crenças e pensamentos do ser humano que é professor e também é pai, mãe, marido, mulher, vizinho, cidadão. A principal questão é como tudo isso influencia no fazer docente.

As duas dimensões bem articuladas são fundamentais, porque mesmo que o diálogo não exclua os conflitos, pessoais ou profissionais dos educadores, ele contribui decisivamente para que sejam repensados e encaminhados, rumo ao respeito, solidariedade, cooperação e desenvolvimento humano. Isso amplia a noção de paz como harmonia individual (mesmo que esta seja importante) para paz como exercício e resolução não-violenta das diferenças. Insistimos que na formação de professores a aproximação entre as dimensões profissionais e pessoais pode ampliar os saberes sobre a paz e aproximá-los da vivência das diferentes realidades, supondo uma perspectiva de reconstrução de saberes.

> **3º — A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber.** Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados, conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma (GADOTTI, 2003, p.111-112)

Se conhecer implica mudança de atitudes, os saberes sobre a paz contribuem para que os olhares sobre a vida e o mundo sejam redimensionados. Falar em paz traz, por um lado, o imaginário de ser uma “boa pessoa”, estar em harmonia consigo e com o mundo. Por outro lado traz a própria negação da possibilidade destes aspectos na sociedade, considerando impossível interferir nesses termos, na vida atual.

Essa contradição, muito comum pela falta de reflexão profunda sobre o tema, vai sendo revista na medida em que os professores acessam a discussão conceitual sobre paz, violências e convivências, estabelecendo relações e vínculos com sua própria vida, sua percepção de paz e violências com sua família, alunos, com as convivências estabelecidas na escola.

O que fica claro é que apenas acumular conhecimento, sejam conceitos, dados estatísticos ou ainda, aprender “dinâmicas” de relações interpessoais sem aprofundar nesses saberes, é acabar com as possibilidades concretas de pensar as mudanças no contexto escolar, ou, numa palavra, reprodução, no caso das violências vivenciadas no cotidiano das escolas.

> **4º — A Educação como prática da liberdade** (liberação). Até aqui creio que construtivismo de Piaget também iria. Mas o construtivismo crítico de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. (p.112)

Quando a Educação para a Paz, na formação professores, aborda, além das questões humanas individuais e relacionais, questões sociais, sobre as desigualdades e injustiças, as convivências solidárias pautadas em direitos humanos e resiliência, ela avança. A paz passa da idéia de ser a grande finalidade e é pensada como processo, ou um caminho para sobrevivência equilibrada da humanidade.

Nesse sentido encontramos a grande possibilidade de sistematização dos saberes sobre a paz em uma área, a Educação para a Paz, que possa ser uma alternativa, apoio ou suporte na formação de professores. Isso pode ser encaminhado, como diz Freire, através da problematização da própria vida dos professores, como seres humanos e como educadores, como protagonistas de sua história na dimensão privada e em suas comunidades escolares.

Quanto ao futuro em utopia, lembramos que em Freire a utopia é diretamente ligada ao conceito de esperança, como condição ao diálogo, com amor, humildade, fé e confiança. Logo, se a esperança é desdobrada nos valores citados, podemos supor que

desenvolver uma pedagogia que trabalhe com tais valores é algo possível, necessário e tangível, ou seja, utopia que se pode atingir. Como disse Freire: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero” (1981, p.97).

Paulo Freire, utopia e Educação para a Paz

No aprofundamento das questões sobre utopia no pensamento de Paulo Freire, Gadotti avança nas relações entre educação e utopia. Esta questão nutre a concepção necessária à formação de professores, especialmente no trabalho relacionado à Educação para a Paz, na medida em que inúmeros elementos se entrecruzam e são diretamente relacionados ao cotidiano escolar.

> 1º — Para construir o futuro é preciso primeiro sonhá-lo, imaginá-lo. No seu último livro, Pedagogia da Autonomia, ele critica o neoliberalismo exatamente por negar o sonho, por ser fatalista, por negar a possibilidade de mudança. Para ele o neoliberalismo se apresenta, arrogantemente, como a plenitude dos tempos, não reconhece que a história continua se fazendo. (GADOTTI, 2003, p.114)

O sonho, a imaginação e a reinvenção são diretamente relacionadas à idéia do inacabamento do ser humano e, com isso, a história aberta como possibilidade. Isso é fundamental na formação de professores no sentido da busca do protagonismo nas ações. Em relação às questões da paz e violências, essa dimensão é fundamental para enfrentar o senso comum ligado aos discursos de que “o mundo é assim mesmo” que a “violência é natural ao ser humano” e outros, que buscam minimizar a discussão da Educação para a Paz como necessidade e possibilidade na escola e na formação de professores.

Existem muitos profissionais da educação que não conseguem encontrar motivos pessoais ou sociais para desenvolver seu trabalho com disposição. Quando explicitamos isso na formação continuada contribuímos no fortalecimento da Educação para a Paz. Como afirmou Freire, sobre o sonho possível: “Sonhar aí, não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquiteturar, significa conjecturar sobre o amanhã” (2004, p.293). Na continuidade sobre sonho e utopia, Gadotti prossegue analisando o pensamento freireano.

> 2º — A pedagogia é um guia na construção do sonho. Não basta sonhar. É preciso saber como construir o sonho. Paulo Freire

> apresentou os seus “saberes necessários” para realizar o sonho. Ofereceu em Pedagogia da autonomia, a mediação pedagógica necessária para conquistá-lo. Todos os livros de Paulo Freire são livros destinados à educação para construir o sonho. (GADOTTI, 2003, p. 114)

O sonho, entendido como a criação de um mundo melhor, com mais justiça, amorosidade, respeito aos outros, abertura ao novo, entre tantas possibilidades, é uma das riquezas de Paulo Freire. O sonho, longe de ser fator de imobilismo, é justamente o elemento mobilizador na busca por educação, escolas, salas de aula, enfim, toda a gama das convivências qualitativas entre as pessoas no universo educacional.

Vale ressaltar que a própria dimensão do sonho, muitas vezes, é tratada como “fraqueza” ou “bobagem” na sociedade atual, ou quando muito, um sonho ligado ao consumo material. Precisamos recusar com vigor essa percepção, na medida em que ela causa o imobilismo das ações em educação, tanto nas questões pessoais de educadores, quanto na energia necessária na reivindicação junto às políticas educacionais e à opinião pública. Como disse o próprio Paulo Freire: “Uma das tarefas políticas que devemos assumir é viabilizar os sonhos que parecem impossíveis” (1991, p.126). Gadotti complementa argumentando que:

> 3º — A pedagogia vê primeiro o futuro, um futuro melhor para todos, a utopia. Depois é que ela se volta para o presente e para o passado. (2003, p.115)

Na possibilidade de uma Cultura de Paz na perspectiva apresentada, é importante projetar essa noção de futuro melhor, de preservação da vida e do planeta. No caso da formação de professores é fundamental que educadores e educadoras, homens e mulheres, seres no mundo, encontrem motivos concretos para fortalecer suas crenças e valores pessoais na vida comunitária, social e global.

Sobre um futuro melhor, a problematização do presente, repensado à luz da história, vai fornecer a condição de tratar as questões relativas à Cultura de Paz e da Educação para a Paz de maneira mais contextualizada e adequada às diferentes realidades educacionais. Nesse sentido, surgem os sonhos coletivos, fundados no mais humano que temos e que Freire chamou de inédito-viável, que é o novo, a novidade, fundamentada e coerente com as necessidades humanas e sociais e que é sonho possível, viável. Acreditamos que a Educação para a Paz pode ser o inédito-viável na formação de professores e na escola, pensada à luz do processo dialógico freireano.

> 4º — A pedagogia freireana é dialógico-dialética. Não mecânica. A dialética continua válida desde que não exclua a subjetividade. Caso contrário ela se transforma numa mecânica sem sentido que lembra a divina providência cristã. A dialética mecanicista é idealista e idealizadora da realidade. (GADOTTI, 2003, p.115)

As idéias de tese, antítese e síntese como dimensões da dialética clássica são redimensionadas no pensamento de Paulo Freire. Para ele, o movimento dialético que nasce com predefinições e não está aberto verdadeiramente ao princípio da construção ativa na diversidade, fica ligado apenas ao ideal. A premissa do diálogo é fundamental pois indica que a história e a subjetividade humana estão em constante construção, sem haver predominância entre uma tese ou outra, mas sim, a importância de problematizar o mundo pelo diálogo transformador.

Em relação à paz, Cultura de Paz ou Educação para a Paz, estes argumentos são especialmente verdadeiros, pois ao negar a paz que surge dos conflitos e ao idealizar uma paz pura, toda a possibilidade do caminho das construções fica desvalorizado. Nesse sentido, a subjetividade, ou, as coisas todas vividas a acreditadas por educadores e educadoras são a grande força de construção da paz, nascidas da discussão das diferenças, da diversidade de vidas vividas, da necessidade do outro incondicionalmente para caminhos comuns. Por esse motivos, as ações do NEP/UEPG se concentram especialmente, na formação continuada de professores, partindo do cotidiano das relações de convivências, violências e paz, buscando o diálogo construtivo à partir delas. Nesse sentido, Gadotti expressa sobre a utopia em Freire:

> 5º — A realidade nasce e morre todos os dias. Se alguém está vivo nasce e morre várias vezes ao dia. Todos têm direito ao sonho. Sempre é possível recomeçar. (2003, p.115)

Nessa percepção final sobre utopia, Gadotti, analisando o pensamento freireano, deixa clara a noção da construção permanente do mundo e da vida. Uma construção que nunca é dada, pois é reflexo do jogo das necessidades e ações humanas, fruto das objetividades e subjetividades, de momentos históricos e interesses, das motivações, vontades e opções de homens e mulheres vivendo em sociedade.

Por isso entendemos que, aprofundar a discussão sobre a Educação para a Paz em si e na sua relação com a reflexão sobre Cultura de Paz nas escolas, na formação de professores e na educação em geral, é parte do momento histórico onde as violências de toda ordem estão naturalizadas, colocadas como normais entre seres humanos, estruturas, com o próprio planeta e nossa sobrevivência.

Educação para a Paz e pensamento freireano: construções possíveis

Considerando as teses de Paulo Freire apresentadas em nossa análise, afirmamos que o conhecimento sobre a Educação para a Paz na formação de professores, pode construir um caminho sistematizado de informações conceituais e dinâmicas vivenciais que considerem as violências, conflitos e convivências como categorias passíveis de se observar na prática escolar cotidiana, de maneira estruturada e pedagógica. Ao mesmo tempo, com essa prática pedagógica desenvolvida, espera-se que os professores possam aprofundar e reconstruir seus próprios conhecimentos sobre o tema.

Este é um dos aspectos centrais na formação de professores em Educação para a Paz. No caminho da leitura de mundo, existe a necessidade que o educador esteja minimante querendo encontrar subsídios nos temas relativos à paz. Um fato interessante é que, na formação continuada, os professores já trazem muitas experiências e práticas pedagógicas, além de pensamentos e opiniões sobre violências e convivências nas escolas. Essa é a matéria-prima para a problematização, reflexão e do repensar a práticas. Sobre este processo, Guimarães, baseado em Paulo Freire, relaciona a idéia dos círculos de cultura com possíveis círculos de Cultura da Paz dizendo:

> Constituindo-se como comunidades interpretativas estáveis, os círculos de cultura de paz permitem superar o episódico de algumas propostas de educação para a paz, instaurando-se como caminho metodológico no processo da educação para a paz. (GUIMARÃES, 2005, p.258)

Outro aspecto a ser observado é que as “coisas da paz”, justamente pela percepção de complexidade e na valorização da diversidade como princípio, ficam, muitas vezes ligadas à questões superficiais, como promessas de mundo melhor, de harmonia universal etc. Sem desconsiderar estas finalidades, trata-se de trazer para a pauta da formação de professores, uma discussão responsável e consistente sobre as relações entre os conflitos e sua interface com violências e paz, além das convivências pautadas por uma Cultura de Paz.

A grande utopia ou esperança está na possibilidade de ampliar o conhecimento entre os professores, das questões relativas à Educação para a Paz como princípio básico para atitudes intencionais em relação à prevenção das violências. O projeto coletivo é obviamente um futuro melhor. Para isso, interesse, curiosidade e esperança, são três dimensões proporcionadas pela discussão da Educação para a Paz na formação de professores. Nesse caminho deve haver também um encantamento ou reencantamento do professor pelas questões da educação e das convivências na escola.

Como já argumentamos em outro momento, sintonizados com o pensamento freireano, complexo pela sua abertura e inacabamento:

> Ao considerar o critério da coerência entre falar e fazer, podemos aproximar algumas questões significativas na constituição do corpo de conhecimento da EP, pois a discussão sobre a violência estrutural e as mazelas sociais não pode ignorar a importância dos afetos, da ludicidade, da inteligência emocional, que por sua vez não podem deixar de lado os dados quantitativos sobre as diversas violências. A discussão sobre a paz é feita por muitos e diferentes atores e com perspectivas diferentes, com formas diversas de pensar a vida e a educação. (SALLES FILHO, 2008, p.106)

Como podemos perceber, captar a complexidade de Paulo Freire é um desafio. Assim como é outro desafio, entender a constituição do campo da Educação para a Paz. No meio desse caminho optamos pela formação continuada de professores como um dos pontos estratégicos dessa aproximação, pois com Freire também aprendemos: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (1996, p.23). Portanto, entendendo a paz na dimensão dos conflitos, violências e convivências, podemos dizer que quem ensina a paz, aprende a paz ao ensinar, e, quem aprende a paz ensina a paz ao aprender. Educação para a Paz e Paulo Freire, utopia, esperança e diálogo construtivo.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. In: *Revista Educação.* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, Maio/Agosto, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ . Meu sonho é o sonho da liberdade. In: FREIRE, Ana Maria (org.) *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004 (Série Paulo Freire)

_____ . *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____ . *A educação na cidade.* São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria. *Compartilhando o mundo com Paulo Freire.* São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*: sentidos e dilemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Educação para a Paz (EP): saberes necessários para a formação continuada de professores. In: MATOS, Kelma; NASCIMENTO, Verônica; NONATO JÚNIOR (orgs.) *Cultura de Paz*: do conhecimento à sabedoria. Fortaleza, Edições UFC, 2008.

Nei Alberto Salles Filho
Coordenador do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivência (NEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).
E-mail: prof.neialberto@gmail.com